



Tendências. A grande clientela executa tatuagem ou adota 'piercing' por imitação

Maioria dos jovens faz tatuagens por moda e como experiência

Uma minoria acaba por marcar o corpo como uma forma de combate

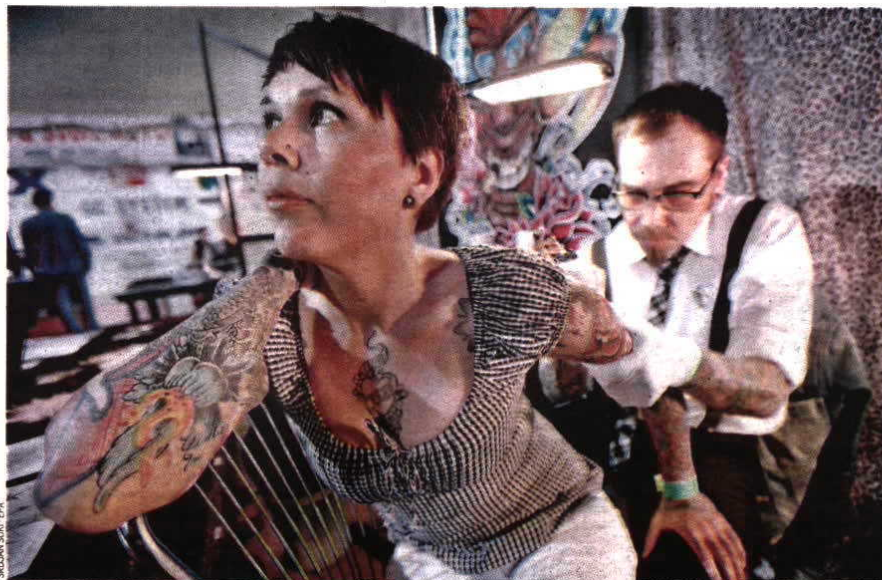
CÉU NEVES

Fazer uma tatuagem ou um *piercing* é uma questão de moda para a maioria das pessoas. Imitar o amigo, uma celebridade, a capa da revista ou de um CD. Mas há uma pequena parte que prolonga a experiência pela vida, como forma de combater o carácter descartável que tendem a assumir os compromissos na actualidade. Exibir tatuagens ou *piercings* transforma-se numa forma de vida.

"Se nunca tivesse visto ninguém com brincos, provavelmente também não os usava. E há telediscos de referências [...] No meu caso, fui buscar à música as tais inspirações, as tais influências. Foi a época em que fiz a minha primeira tatuagem, quando comecei a ver aqueles gajos com o *piercing* na mama, sobranceiras, todos os tatuados", diz um fiel de armazém, 23 anos, 8.º ano.

As motivações não são muito diferentes das de uma professora do ensino secundário, 32 anos: "Fiz um *piercing* quando fui marcar uma tatuagem. Não ia fazer [...] Só que comecei a olhar para os brincos e tal, e pensei "eh pá, apetecia-me mesmo"! E acabei por fazer o *piercing*".

"São pessoas que fazem isto por experiência. Jovens que fazem uma tatuagem ou um *piercing* e que ficam por aí. Têm por detrás motivações miméticas, de moda e de desafio pessoal", explica o sociólogo Vítor Sérgio Ferreira, cuja tese de doutoramento deu lugar ao livro *Marcas que Demarcam, Tatuagem, body piercing e culturas juvenis*, que hoje será lançado durante o X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais,



Há quem passe do acto experimental para um "projecto de corpo continuado"

Vítor S. Ferreira

Marcas que demarcam
ICS
343 páginas
22 euros



O livro corresponde a um trabalho de campo realizado de 2002 a 2004 pelas casas de tatuagem do distrito de Lisboa, tendo seleccionado 15 pessoas para entrevistas, entre clientes e profissionais. O autor propõe-se "descobrir, compreender e interpretar sociologicamente os significados subjectivos que os praticantes investem neste tipo de objectos".

Universidade do Minho, Braga.

Constituem a grande clientela dos tatuadores e profissionais de *body piercing*. E, muitas vezes, escolhem o modelo por catálogo. O acto de marcar o corpo começa "por configurar uma experiência que desafia alguns tabus sensitivos (a consciência da dorosidade) e sociais (a reminiscência do estigma), nem sempre chega à forma radicalizada de projecto extensivo, com contornos de procedimento ritual", escreve o sociólogo.

Ou seja, se no primeiro caso estamos a falar em actos isolados, sem conotação política ou prática afirmativa, já no segundo, várias tatuagens ou um *piercing* significam "afirmação". Uma forma de ser diferente e que acaba por ser quase um vício. O desenho escolhido não é ao acaso, há

preocupações com a assimetria e com a coerência dos desenhos.

"Pode ter sido, se calhar, uma vontade de ser diferente, não ser como toda a gente e de tentar ter uma cena

Alguns clientes acabam por imitar os ídolos musicais

particular...", reconhece um estudante universitário, 20 anos. "É a imagem que eu quero ter, é a imagem que eu criei para me apresentar como pessoa", diz um tatuador, com 24 anos. E um electricista da construção civil, com 28 anos, explica: "A tatuagem vem desde pequenino [...] Pá, comecei com o meu tio que tinha uma

A DIFERENÇA ENTRE RESISTIR E SER REBELDE

A utilização das marcas corporais, "nomeadamente da tatuagem, é um símbolo de resistência perante 'grupos dominantes' e/ou 'hegemonias culturais'", diz Vítor Ferreira. Já em contextos prisionais era uma forma de resistência do detido face à sua situação de clausura. No entanto, alerta o sociólogo, na actualidade "o conceito de resistência revela-se algo problemático quando analiticamente analisado". O acto de tatuar ou de perfurar o corpo em contextos juvenis começa por ser um acto de rebeldia ou de emancipação, mas tal não chega para definir à partida "como práticas de resistência", sobretudo de resistência politizada. Isto quando estamos a falar da maioria das pessoas que se tatuam. Porque entre os que o fazem de forma continuada, é mais frequente encontrarem-se jovens "religiosamente menos comprometidos (ateus e agnósticos) e politicamente mais extremados (à esquerda e à direita) ou indiferentes".

tatuagem dos comandos. É tio emprestado, mas pronto, cresci a ver aquilo. Depois a música fez tudo o resto", conta um electricista.

"São jovens que estão próximos de subculturas, mas não é nenhum tipo de celebração ou de ritual de entrada. São contextos sociais mais favoráveis à integração deste tipo de corpos e projectos de identidade", sublinha Vítor Ferreira. O que acaba, também, por resultar numa forma de contestação à sociedade. "Tudo se usa e deita fora, muda-se frequentemente de emprego e os jovens estão a ser preparados para desempenhar papéis que não são consistentes. Estes jovens sente isso como uma espécie de corrupção de carácter e o projecto de corpo continuado acaba por ser uma forma de sobrevivência". ■